
Deglutindo Joyce: a recepção de Ulysses no Brasil e o modernismo brasileiro

Pedro Vieira*

Resumo: O artigo aborda a relação entre James Joyce, especialmente sua obra-prima "Ulysses", e o modernismo brasileiro, destacando a recepção e a influência do autor irlandês no cenário literário do Brasil. Marcada pela técnica do monólogo interior e pela abordagem única do cotidiano comum, a recepção inicial de "Ulysses" no Brasil se deu principalmente por meio do reconhecimento de figuras como Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. A Semana de Arte Moderna de 1922 é apontada como um marco histórico tanto para o modernismo brasileiro quanto para a publicação de "Ulysses", destacando-se a influência mútua entre esses movimentos literários. O artigo também analisa a recepção crítica de Joyce no Brasil ao longo do tempo, desde as primeiras décadas do século XX até a contemporaneidade, ressaltando o papel das traduções na difusão e renovação da obra de Joyce. Por fim, destaca-se o esforço contínuo de tradutores e editores brasileiros em trazer novas perspectivas e reedições das obras de Joyce, mantendo sua relevância e impacto na literatura mundial.

Palavras-chave: Joyce; Ulysses; Modernismo.

Digesting Joyce: The Reception of Ulysses in Brazil and Brazilian Modernism

Abstract: The article addresses the relationship between James Joyce, especially his masterpiece "Ulysses," and Brazilian modernism, highlighting the reception and influence of the Irish author in the Brazilian literary scene. Marked by the technique of stream of consciousness and the unique approach to everyday life, the initial reception of "Ulysses" in Brazil was mainly through the recognition of figures such as Mário de Andrade, Gilberto Freyre, and Sérgio Buarque de Holanda. The Week of Modern Art of 1922 is pointed out as a historical milestone for both Brazilian modernism and the publication of "Ulysses," emphasizing the mutual influence between these literary movements. The article also analyzes Joyce's critical reception in Brazil over time, from the early decades of the 20th century to the present day, highlighting the role of translations in the dissemination and renewal of Joyce's work. Finally, the continuous effort of Brazilian translators and publishers to bring new perspectives and reissues of Joyce's works is highlighted, maintaining its relevance and impact on world literature.

Keywords: Joyce; Ulysses; Modernism.

Introdução

O paralelo mais premente entre Joyce e o modernismo no Brasil reside no ano da publicação daquela que podemos chamar da principal obra de Joyce: *Ulysses*, publicado em 1922, ano da realização da Semana de Arte Moderna. Trata-se de uma releitura paródica da *Odisseia*, de Homero, que narra o dia de Leopold Bloom, um judeu de ascendência húngara em Dublin, e a narrativa percorre diversos caminhos que se entrecruzam os outros dois protagonistas da obra, Stephen Dedalus, e Molly Bloom, a sua esposa. Bloom é um homem comum que vive um dia comum numa cidade comum, capital de uma nação ainda então dominada e subjugada pelo Império Britânico.

Uma das características mais marcantes da escrita de Joyce em *Ulysses* consiste na técnica do monólogo interior, técnica pela qual se busca reproduzir o fluxo de consciência das personagens e imprimi-las na narrativa. A narrativa se forma a partir das associações mentais que as personagens elaboram no decorrer da obra, e Joyce apesar de não ter sido o único ou sequer quem inventou essa técnica, sem dúvidas quem foi a explorou com mais profundidade.

Quando falamos de Joyce no Brasil, remete-se naturalmente ao trabalho conduzido pelos Irmãos Campos e, naturalmente, às diversas traduções da obra de Joyce no Brasil e que continuam sendo publicadas e reeditadas. Em 1966, a Civilização Brasileira publica a primeira versão em língua portuguesa da obra-prima de James Joyce, *Ulysses*, levada a cabo por Antônio Houaiss, o renomado lexicógrafo e diplomata brasileiro, dentre outras atribuições pela qual se destacou. Apesar da inquestionável importância desta tradução para a inserção do autor irlandês em nossa cultura, abrindo a possibilidade para retraduições posteriores em nossa língua, a história de Joyce no Brasil não se inicia com a tradução de Houaiss. Essa história começa com um dos expoentes do modernismo no Brasil: Mário de Andrade.

Em 2012, um pesquisador britânico chamado Kevin Jackson publicou uma obra intitulada *Constelação de gênios*, publicada em 2015 pela Editora Objetiva, com a intenção de compor um retrato biográfico do ano de 1922 sob a perspectiva artística e cultural. De acordo com uma resenha do Jornal Opção, essa biografia sobre o ano de 1922 apresenta uma tese na qual o *Ulysses* de Joyce e o *Waste Land*, de T. S. Eliot, teriam sido as produções

literárias responsáveis por cristalizar a literatura modernista. Apesar da visão eurocêntrica de literatura e cultura que predomina no livro, este não deixa de mencionar a Semana de Arte Moderna no Brasil, dedicando duas páginas a Mário de Andrade dentro desta “constelação de gênios”.

Nas duas páginas em questão, Mario de Andrade foi apontado como um gênio, e sua *Pauliceia Desvairada* foi comparada ao *Waste Land* de T. S. Eliot, como se constituísse a terra devastada da literatura latino-americana nas próprias palavras de Jackson. O autor britânico também denomina *Macunaíma*, a obra-prima de Mario de Andrade, de *Ulysses* dos trópicos. A resenha do Jornal Opção chama atenção ao fato de Jackson talvez não possuir conhecimento de obras *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, obra que possui paralelos estéticos e experimentais com *Ulysses* e *Finnegans Wake*. O resenhista também critica o fato de Jackson sequer citar o nome de Oswald de Andrade, outro nome relevante do movimento modernista brasileiro, situando Mario de Andrade como quem mais se aproximou dos padrões estéticos do modernismo europeu.

Na concepção de Alfredo Bosi (2006), a Semana de 22 serviu para consolidar tendências que vinham se formando de forma fragmentária desde a Primeira Guerra Mundial nas grandes metrópoles urbanas, a saber, o eixo Rio-São Paulo. Essa efervescência que marcou os anos vinte foi seguida por uma ruptura histórica e socioeconômica no Brasil, desaguando numa renovação deste modernismo nas décadas seguintes, possibilitando o surgimento de poetas e escritores como Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, dentre tantos outros. É como se a Semana de 22 houvesse aberto uma porta para que novas tendências pudessem se formar no cenário literário brasileiro.

Embora o propósito deste artigo seja tratar da recepção de Joyce no Brasil e sua associação com o modernismo brasileiro, ambos os fenômenos naturalmente se estenderam para além do ano de 1922. A historiografia literária brasileira subdivide o modernismo em três momentos, ou três gerações – 22, 30 e 45. A obra-prima de Joyce foi publicada em 1922, mas enfrentou diversos desafios e reviravoltas para adquirir um lugar sob o sol nos anos posteriores. Enquanto *Ulysses* enfrentava a censura e a crítica, Joyce se voltava para o seu derradeiro romance, *Finnegans Wake*, que viria a ser publicado em 1939.

Originalmente planejado para constituir um dos contos da coletânea de *Dubliners*, *Ulysses* começou a ser concebida em 1914 e demorou sete anos para ser concluída. Metade

dos capítulos foi publicada de forma serializada na revista literária norte-americana *Little Review* entre 1918 e 1920. Após a publicação do episódio “Nausicaa”, o qual apresenta uma cena de masturbação de Leopold Bloom, foi movido um processo judicial nos EUA que resultou na declaração da obra como obscena em fevereiro de 1921, interrompendo a publicação dos capítulos na revista (ELLMANN, p.503). Diante deste fato, as editoras em geral se recusavam a publicar a obra. Sylvia Beach, proprietária da livraria Shakespeare & Company, aceita publicar a obra de Joyce em 1922, ano que coincide com um período chave da história da literatura e da arte no Brasil: a Semana de Arte Moderna de 1922. Diversos exemplares do livro foram apreendidos e destruídos nos Estados Unidos e na Inglaterra, e apenas voltou a ser publicado nesses países após veredito julgar que a obra não continha obscenidades em 1933, permitindo a publicação pela Random House em solo norte-americano em 1934 (ELLMANN, pp.666-7). Diversas republicações da obra se seguiram tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra.

Mario de Andrade publicou um ensaio dois anos depois da publicação de *Ulysses* na *Revista do Brasil* de 1924, na qual cita um trecho em inglês de “Lotófagos”. Como as versões da *Little Review* se distinguem do trecho citado, não se tem evidências da edição a qual o poeta paulistano teve acesso. Acredita-se que circulavam exemplares de *Ulysses* entre os meios intelectuais brasileiros. Outros dois grandes intelectuais tiveram contato com a obra em língua inglesa pouco tempos após a publicação. Um deles foi Sergio Buarque de Holanda, que teria anunciado que publicaria um ensaio sobre Joyce na prestigiada revista *Estética* em 1924, o que não chegou a ocorrer pois, no mesmo ano, Gilberto Freyre, o outro intelectual em questão, publicou um ensaio intitulado “James Joyce: a criação de um novo ritmo para o romance” no *Diário de Pernambuco* de 11 de dezembro de 1924. Neste mesmo volume de 1924, o nome de Joyce é citado no ensaio *England, my England*, de D. H. Lawrence (de acordo com levantamento realizado por Munira Mutran [1992, p.429]), no qual são mencionados diversos escritores modernos – dentre os quais também foram incluídos autores como T.S. Eliot e Aldous Huxley.

Sergio Buarque de Holanda, em artigo do *Diário Carioca* em 1952, afirma que teve conhecimento deste ensaio de Freyre, considerando-o superior a qualquer coisa que poderia ter escrito, tanto que haviam decidido reproduzir este artigo do Freyre na quarta edição da *Estética*. Esta edição, no entanto, mas ela jamais veio a ser publicada, pois ela foi

descontinuada após a terceira edição. No ensaio supracitado, Gilberto Freyre demonstra conhecer o *Retrato e Música de Câmara*, relaciona a técnica narrativa com a teoria freudiana, nomeando-a de “reportagem taquigráfica de flagrantes mentais”, e trata como relevante a “análise da vida interior”, a qual compõe o novo ritmo da obra de Joyce que o próprio Freyre diz que é pouco chamá-lo um livro.

No ensaio de Mario de Andrade, intitulado *Da fadiga intelectual*, o autor trata da fadiga quotidiana do pensar, associando esse cansaço à caminhada de Bloom pela Westland Row, em Dublin, na manhã do dia 16 de junho de 1904, um momento em que autor se mistura com o personagem, e unindo pensamentos do personagem a uma descrição do autor, produzindo uma fadiga que se aproxima da realidade. Mario de Andrade parte dessa cena de *Ulysses* para discutir uma relação entre cansaço e criação literária, defendendo a tese de que poetas modernistas recorrem a associações de imagens para criar sensações que nos serão análogas. Essa mistura de personagem e autor constitui a técnica do monólogo interior cujo estudo crítico se aprofundaria nos anos posteriores. O fato de Mario de Andrade citar *Ulysses* num ensaio sobre poesia modernista é um reconhecimento do caráter expressivo e poético da obra, indicando que o poeta já concebia que a obra de Joyce não se limitava à forma do romance.

Outro elo entre Mario de Andrade e James Joyce reside na marginália do autor modernista que Munira Mutran apresenta em seu ensaio sobre a recepção de Joyce no Brasil (1992). Ainda que fosse uma obra tratada como literatura de latrina ou pornográfica na crítica europeia (EUA, Inglaterra, França, e principalmente na Irlanda, país natal de Joyce), o conjunto de notas de Mario de Andrade descarta de imediato qualquer questão relacionada a um suposto caráter obsceno do romance:

Aí como em todas as outras partes socialmente consideradas nojentas ou imorais do livro as palavras só chegam à meia-verdade, que por mais desbocada nem por isso deixa de ser meia-verdade... O primeiro problema faz a gente cair no terrível mar do bom gosto e do mau gosto, coisa que muda com as épocas (ANDRADE apud MUTRAN, 1992, p.429).

Mario de Andrade categoriza a obra de Joyce como um dos livros mais curiosos da literatura moderna em língua inglesa. Ao longo de seus comentários, a preocupação de Mario incide sobre o realismo na arte, e a partir deste núcleo ele faz críticas à construção dos

personagens joyceanos. Na concepção do autor de *Macunaíma*, a arte constitui “uma evasão da verdade em proveito das partes espirituais do ser, sejam estas quais forem”, o que significaria que o realismo impresso de forma minuciosa, pormenorizada nos personagens de Joyce por meio da técnica do “solilóquio interior” (nas palavras do próprio escritor – o termo consagrado pela crítica e usado pelo próprio Joyce é “monólogo interior”). Essa crítica aos personagens parte do pressuposto que Joyce teria aproximado demais suas personagens daquilo que consideramos reais; afastando-se, dessa forma, do que é considerado artístico, pois para ele arte não se pode confundir-se com a realidade.

Mario de Andrade considera que o livro, apesar de ser interessantíssimo, é de uma profunda literatice, no sentido de literatura de caráter pretensioso. Ao comentar sobre o experimentalismo por meio do aprofundamento da técnica do monólogo interior, argumenta que as associações oriundas do fluxo de consciência das personagens são insondáveis pelo outro. Como é impossível captar este fenômeno no outro, conseqüentemente a obra nos apresenta nada mais que as associações psicológicas de Joyce.

Nos anos trinta e quarenta, Munira Mutran ressalta a escassez de escritos sobre Joyce no Brasil, num período em que se publicavam muitos artigos e ensaios sobre outros autores. Ela cita o ensaio “O Caso James Joyce”, de João Gaspar Simões na *Revista do Brasil* (1941), que aponta que o romance é mais conhecido do que lido, insinuando que a crítica em geral não incentiva a leitura da obra. Otto Maria Carpeaux publicou dois ensaios que citam a obra de Joyce, dentre eles um intitulado “Ulysses”, de 1947, publicada na *Revista Literatura*, tratando de forma geral sobre questões de linguagem, da moldura homérica, além de comparar Joyce com Teófilo de Folengo, escritor italiano da Renascença contemporâneo de Rabelais, e que é autor de *Baldus*.¹

Na Revista Brasileira, editada pela Academia Brasileira de Letras, Antônio Barata lamenta que a morte de Joyce não tenha sido lembrada como deveria em nosso país, mas ressalva que ela não é acessível para a maioria dos leitores e se restringe a uma seleta minoria. Recorda elementos da vida de Joyce, a publicação de suas obras e trata

¹ Poema narrativo macarrônico *Baldo* (1517), que relata as aventuras de um herói fictício chamado Baldo ("Baldus"), descendente da realeza francesa e algo como um delinquente juvenil que encontra prisão; batalhas com autoridades locais, piratas, pastores, bruxas e demônios; e uma viagem ao submundo. Embora frequentemente censurado, logo alcançou grande popularidade, e em poucos anos passou por várias edições e foi posteriormente expandido por Folengo.

principalmente de *Um retrato do artista quando jovem*, o qual nomeia como *O Artista Adolescente*². No parágrafo conclusivo de seu texto, traçando uma relação entre o *Fausto* de Goethe e “a monstruosa grinalda de associações subjetivas e reais que constituem a longa fileira de estados conscientes e inconscientes que se denomina *Ulisses*” (BARATA, p.41).

Na conclusão de seu ensaio, Mutran realça a importância da construção de elos entre literaturas de diferentes nacionalidades para a construção da própria identidade literária: “É, portanto, imprescindível que busquemos no outro, nesse caso Joyce, alguns dos possíveis fios de nossa modernidade literária” (p. 440). A tradução, para Mutran, desempenhou um papel fundamental na difusão de Joyce no Brasil para além do universo da crítica:

Foi certamente através das traduções, e não dos ensaios críticos, que o público veio a conhecer seus romances e contos. Já existiam ‘The Dead’ (2ª parte, 1942) e ‘Araby’ (1944) em português; em 1945, *O Retrato*, na tradução de José Geraldo Vieira, fora publicado; outro conto, ‘Counterparts’, seria incluído em *As Obras Primas do Conto Moderno* (MUTRAN, 1992, pp.436-7).

Há de se ressaltar que essas menções são isoladas na crítica brasileira contemporânea à publicação de *Ulysses*; Joyce se tornou mais conhecido neste período que abrange as primeiras décadas do século XX por meio de traduções; destaco aqui a primeira tradução ao português de Joyce no Brasil: a tradução da segunda parte de “*The Dead*” (“Os mortos”), icônico e derradeiro conto de Dublinenses, que ainda era mencionado na época pela crítica brasileira como “Gente de Dublin”.³ E a primeira tradução de um fragmento de *Ulysses* para o português, da décima segunda seção de “Wandering Rocks”, o décimo capítulo de *Ulysses*, feita por Erasmo Pilotto na Revista *Joaquim*, uma revista de Curitiba que teve um total de 21 edições e era editada por Dalton Trevisan. Essa versão do Pilotto foi realizada a partir da edição argentina, de 1945, de Jose Salas Subirat. Na última edição da *Joaquim*, em 1948, Trevisan publicou a primeira parte de um conto que ele havia iniciado chamado “Ulysses em Curitiba”, porém, infelizmente, com o fim da revista, o conto foi descontinuado.

A relação entre Ulysses e Brasil é longa e se iniciou bem nos seus primórdios, pelas

² Este título é influência provável da primeira tradução para língua espanhola da obra de Joyce, realizada por Dámaso Alonso e publicada em 1926 sob o pseudônimo de Alonso Donado com o título *El artista adolescente (retrato)*, modificada em edições posteriores para *Retrato del Artista Adolescente* (CONDE PARVILLA, 1994). A primeira tradução para a língua portuguesa da obra em questão seria publicada apenas em 1945, por José Geraldo Vieira, pela José Olympio no Brasil.

³ Título baseado nas traduções europeias da obra. A primeira tradução com o título *Dublinenses*, de Hamilton Trevisan, seria publicada apenas em 1964 pela Civilização Brasileira.

mãos de um dos principais elementos do nosso modernismo, criando laços desde o princípio entre uma das principais obras de Joyce e o movimento modernista, cujos centenários se completam neste conturbado ano de 2022. Dos anos 1950 em diante, já passando o período do modernismo, a crítica brasileira sobre Joyce gradativamente ganhou corpo, principalmente através do trabalho dos Irmãos Campos.

Conforme ressaltado previamente, a tradução exerceu um papel mais importante ao difundir a obra de Joyce para além dos limites da recepção crítica para que o autor alcançasse um público mais amplo. A tradução não apenas constitui uma forma de conhecer determinado autor em outra língua, mas também constitui um trabalho de criação crítica que expande as potencialidades da obra em questão. Movido por tal estímulo, Joyce felizmente continua sendo bastante traduzido em nosso país, principalmente nos últimos anos. Na história mais recente da recepção de *Ulysses* no Brasil, podemos destacar diversas contribuições para a continuidade da tradição joyceana em nosso país. O *Bloomsday*, celebrado na data em que passa o romance, cada vez mais integra o calendário cultural brasileiro, com diversas manifestações da cultura irlandesa nos quatro cantos do país. O registro mais longo remonta ao ano de 1988, sob organização de Haroldo de Campos e Munira Mutran, no Finnegan's Pub, bar irlandês localizado em São Paulo. O Rio de Janeiro celebraria o seu primeiro Bloomsday uma década depois, contando com a participação de Antônio Houaiss e de Bernardina da Silveira Pinheiro, que publicaria a segunda tradução de *Ulysses* em 2005 pela Editora Objetiva.

No ano do centenário de *Ulysses* e da Semana de Arte Moderna, a obra-prima de Joyce recebeu duas reedições que merecem ser brevemente comentadas neste espaço. Uma delas é uma nova publicação da tradução pioneira de Antônio Houaiss pela Civilização Brasileira em meados de 2021, antecipando-se às celebrações do centenário da obra. Esta publicação, no entanto, recebeu diversas críticas por conta da falta de cuidado em relação ao aparato crítico que acompanha a obra. Em resenha na Folha de São Paulo, Dirce Waltrick do Amarante critica os cortes de trechos de Augusto de Campos elogiosos à tradução, presentes na primeira edição, e tece duras críticas ao guia de leitura elaborado pelo escritor Ricardo Lísias.

Não há como não mencionar o nome de Caetano Galindo, responsável pela terceira versão brasileira de *Ulysses* (Companhia das Letras, 2012), como um agente fundamental

para a difusão da palavra de Joyce nos últimos anos. Além da reedição de sua tradução com um material paratextual mais rico e extenso, Galindo também presenteou os leitores com novas versões de), *A Portrait (Um retrato do artista quando jovem, 2016)*, *Dubliners (Dublinenses, 2018)* e *Exiles*, dessa vez traduzido como *Exílio (Exílio e poemas, 2022)* – todas pela Companhia das letras . Neste mesmo ano, foi publicada a coletânea de poemas esparsos de James Joyce, traduzida por Vitor Alevato do Amaral sob o título *Outra Poesia* (Syrinx Editora, 2022). Há de se ressaltar também a nova publicação em volume único da tradução de *Finnegans Wake* por Donaldo Schüller pela Ateliê Editorial, intitulada *Finnicius Revém*. A mesma editora possui um projeto em andamento intitulado *Ulysses a dezoito vozes*, que constitui uma tradução coletiva coordenada por Henrique Xavier. A Iluminuras, por sua vez, publicou uma tradução coletiva da íntegra de *Finnegans Wake*, intitulada *Finnegans Rivilta*.

Joyce permanece relevante depois de mais de cem anos. E assim será por mais cem. A tradução acompanhada do trabalho crítico constitui uma maneira fundamental de trazer sob outra perspectiva autores de outras línguas e culturas. Constitui uma forma de apresentar o autor sob uma nova luz e renovar a vida de sua obra no decorrer da história. Se for possível traçar uma relação entre tradução e o modernismo brasileiro, aludindo ao Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, é possível afirmar que devemos continuar deglutindo *Ulysses* e toda a obra de Joyce por centenas de anos.

Referências bibliográficas

AMARAL, Vitor Alevato do. *O dia de Bloom*. Revista Cult, 2021. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/o-dia-de-bloom/>>. Acesso em 30 Nov 2023.

_____. “Ulysses no Brasil”. In: JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução e organização de Caetano W. Galindo. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Pp. 751-763

AMARAL, Vitor Alevato; GALINDO, Caetano. “Houaiss.... Pinheiro. Galindo: e o que o futuro reserva para as traduções do Ulisses no Brasil”. *Ilha do Desterro, Florianópolis*, v. 72, nº 2, p. 191-204, mai/ago 2019.

AMARANTE, Dirce Waltrick do. *Reedição da tradução pioneira de Ulisses não está à altura do romance*. Ilustríssima, Folha de São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/12/reedicao-da-traducao-pioneira-de-ulisses-nao-esta-a-altura-do-romance.shtml>. Acesso em 30 Nov 2023.

BARATA, Antonio. "Breves considerações sobre a obra de James Joyce". Revista Brasileira, *Rio de Janeiro*, n. 10, ano IV, Jul 1944, p. 37-41.

BELÉM, Euler de França. *Inglês compara Mário de Andrade com T. S. Eliot e "Pauliceia Desvairada" com "A Terra Devastada"*. Jornal Opção, 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/ingles-compara-mario-de-andrade-com-t-s-eliot-e-pauliceia-desvairada-com-terra-devastada-28005/>. Acesso em 28 nov 2022.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

CONDE PARVILLA, Ángeles. "A *Portrait of the Artist as a Young Man* traducido al español". *Joyce en España*. IV Encuentros de la Asociación Española James Joyce (A Coruña, 1993), Francisco García Tortosa, Antonio Raúl de Toro Santos (eds.). A Coruña: Universidade. Servizo de publicacións, 1994, vol. I, p.45-54.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. The First Revision of the 1959 Classic. New York: Oxford University Press, 1983.

JOYCE, James. *Ulysses*. New York: Random House, 1986.

_____. (1966) *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MUTRAN, Munira. "A Recepção de James Joyce no Brasil". In: NESTROVSKI, Arthur (Org.) *Riverrun: Ensaio sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992. p. 427-446.

_____. "Ulysses: uma leitura de Mário de Andrade". *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 29, 1984, p. 47-50.

***Pedro Vieira** é graduado em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Mestre em Linguística Aplicada pela mesma instituição. Possui experiência em ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa e em tradução e revisão de textos no par Português-Inglês. Seus interesses de pesquisa envolvem os estudos de tradução e recepção literária. Deseja se desenvolver academicamente nesta área e exercer profissionalmente o ofício de tradutor. Doutorando em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense com pesquisa sobre a intertextualidade entre James Joyce e William Shakespeare nas traduções brasileiras do romance "Ulysses".